Revista Eletrônica
Ñanduty
PPGAnt - UFGD

PPGAnt- Programa de Pós-Graduação em Antropologia
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 2317-8590
Dourados - MS - Brasil
www.ufgd.edu.br/nanduty

A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E EDUCATIVA DO MITO NA CULTURA DO POVO GAVIÃO IKOLEN DE RONDÔNIA

VANDERLEIA BARBOSA SILVA*

JOÃO CARLOS GOMES**

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão didática sobre a dimensão pedagógica do mito indígena da etnia Gavião Ikolen, do estado de Rondônia. O estudo evidencia os processos próprios educativos presentes nos mitos indígenas. Com este estudo pode-se constatar que há uma dimensão pedagógica do mito indígena nas relações interculturais entre o ser humano, a sociedade e a natureza. A dimensão pedagógica do mito se traduz nas influências e relações que são estabelecidas entre o ser humano e suas interações com os ambientes culturais e naturais. Os mitos indígenas têm um conjunto de regras e crenças que determinam a visão de mundo das comunidades indígenas. Nessa perspectiva, este estudo buscou compreender a dimensão pedagógica dos mitos do Goihanei e Dzerebãi, para a preservação e conservação do território do povo Gavião Ikolen, do estado de Rondônia. O presente estudo foi realizado utilizando como metodologia a história oral, sendo Portelli (1997), Meihy (2002), Alberti (2005), Meihy e Holanda (2007) os aportes teóricos desta metodologia. O estudo usou, ainda, um arcabouço teórico sustentado nos estudos de Campbell (1990) e Lévi-Strauss (1985, 2002, 2003, 2004), que discutem as dimensões e funções dos mitos e a sua relevância para as relações estabelecidas entre ser humano, cultura e natureza; Morin (2003) que apresenta a necessidade de estudar não só as partes de maneira segregada mas o todo, e a influência sofrida por ambos; Santos e Sato (2001) e Capra (2002) que fundamentam a necessidade de construir sociedades sustentáveis; e Freire (1997) com as reflexões do âmbito educacional que permitem compreender que o processo formativo não é estático mas dinâmico e está em constantes transformações por ser um processo inacabado presente em todos os ambientes e sociedades. Nesse contexto, este estudo evidencia um conjunto de metáforas presentes nos símbolos que compõem os mitos indígenas do Goihanei e Dzerebãi, da etnia Gavião Ikolen, que possuem em suas dimensões pedagógicas várias possibilidades de diálogos interculturais para os processos de ensino-aprendizagem na educação escolar.

Palavras-Chave: Mito. Dimensão Pedagógica. Processos educativos. Sociedades sustentáveis.

ABSTRACT

This paper presents a didactic reflection on the educational dimension of the Indian myth of ethnic Gavião Ikolen, the state of Rondônia. The study highlights the educational own processes within indigenous myths. This study can be seen that there is a pedagogical dimension of the Indian myth in intercultural relations between human beings, society and nature. The pedagogical dimension of myth translates the influences and relationships that are established between human beings and their interactions with the cultural and natural environments. Indigenous myths have a set of rules and beliefs that determine the worldview of indigenous communities. From this perspective, this study aimed to understand the pedagogical dimension of the myths of Goihanei and Dzerebãi to the preservation and conservation of the

* Graduada no Curso de Pedagogia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Ji-Paraná. Participante do Grupo de pesquisa EDUCA, vinculado ao Departamento de Ciências da Educação, do Núcleo de Ciências Humanas, do Campus de Porto Velho, da Universidade Federal de Rondônia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Mestrado Acadêmico em Educação da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

** Graduado em Pedagogia (FID), Mestrado em Educação (UFMT) e Doutorado em Ciências (UFSCAR). É Professor e Pesquisador da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

territory of the people Gavião Ikolen, the state of Rondônia. This study was conducted using oral history as a methodology, with Portelli (1997), Meihy (2002), Alberti (2005), Meihy and the Holanda (2007) the theoretical contributions of this methodology. The study used also sustained theoretical framework in studies of Campbell (1990) and Levi-Strauss (1985, 2002, 2003, 2004), discussing the dimensions and functions of myths and their relevance to the relations between human beings , culture and nature; Morin (2003), which shows the need to study not only the parties in a segregated way but the whole, and the influence suffered by both; Santos and Sato (2001) and Capra (2002) underlying the need to build sustainable societies; and Freire (1997) with the reflections of the educational framework that allow us to understand that the educational process is not static but dynamic and is in constant transformation to be an unfinished process present in all environments and societies. In this context, this study presents a set of metaphors present in the symbols that make up the indigenous myths of Goihanei and Dzerebãi, ethnicity Gavião Ikolen, which has in its pedagogical dimensions various possibilities of intercultural dialogue for the teaching-learning process in school education.

Key-words: Myth. Pedagogical dimension. Educational processes. Sustainable societies.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión didáctica sobre la dimensión educativa del mito indio de etnia Gavião Ikolen, el estado de Rondônia. El estudio pone de relieve los propios procesos educativos dentro de los mitos indígenas. Este estudio se puede ver que hay una dimensión pedagógica del mito indio en las relaciones interculturales entre los seres humanos, la sociedad y la naturaleza. La dimensión pedagógica del mito traduce las influencias y relaciones que se establecen entre los seres humanos y su interacción con los entornos culturales y naturales. Mitos indígenas tienen un conjunto de normas y creencias que determinan la cosmovisión de las comunidades indígenas. Desde esta perspectiva, este estudio tuvo como objetivo comprender la dimensión pedagógica de los mitos de Goihanei y Dzerebãi a la preservación y conservación del territorio del pueblo Gavião Ikolen, estado de Rondônia. Este estudio se realizó utilizando la historia oral como una metodología, con Portelli (1997), Meihy (2002), Alberti (2005), Meihy y Holanda (2007) los aportes teóricos de esta metodología. El estudio utilizó también sufrió marco teórico en los estudios de Campbell (1990) y Levi-Strauss (1985, 2002, 2003, 2004), discutiendo las dimensiones y funciones de los mitos y su relevancia para las relaciones entre los seres humanos , la cultura y la naturaleza; Morin (2003), lo que demuestra la necesidad de estudiar no sólo las partes de manera segregada, pero el conjunto, y la influencia sufrida por ambos; Santos y Sato (2001) y Capra (2002) subyace la necesidad de construir sociedades sostenibles; y Freire (1997), con las reflexiones del marco educativo que nos permiten entender que el proceso educativo no es estática sino dinámica y está en constante transformación como un proceso inacabado presente en todos los entornos y sociedades. En este contexto, este estudio presenta un conjunto de metáforas presentes en los símbolos que componen los mitos indígenas de Goihanei y Dzerebãi, etnia Gavião Ikolen, que tiene en sus dimensiones pedagógicas diversas posibilidades de diálogo intercultural para el proceso de enseñanza-aprendizaje en la educación escolar.

Palabras-claves: Mito. Dimensión pedagógica. Los procesos educativos. Sociedades sostenibles.

1 Introdução

Os seres humanos, desde a organização das sociedades primitivas, têm costumes e crenças que são passados de geração para geração por meio de processos próprios de ensino-aprendizagem. Esses processos educativos sempre refletiram as visões de mundo das diversas sociedades. Com a evolução do conhecimento humano nos ambientes naturais e culturais, a humanidade foi se estruturando em sociedades, territórios, culturas e crenças, criando uma pluralidade de visões sobre os modos de vida.

Conforme Hall (2006), as transformações ocorridas na pós-modernidade fizeram com que as diferentes culturas passassem pelo processo de hibridismo cultural, se apropriando de novas formas de viver, e ao mesmo tempo carregando consigo um conjunto intrínseco de valores e crenças da cultura. Podemos constatar como exemplo que as transformações e mudanças ainda não impossibilitaram que os mitos permaneçam vivos nas culturas indígenas.

Nesse cenário, os mitos indígenas sempre tiveram de alguma forma uma relação com os processos próprios de ensino-aprendizagem das comunidades indígenas, sempre estiveram,

portanto, relacionados aos diversos saberes do ser humano e aos ambientes natural e cultural. Dessa forma, os mitos apresentam várias dimensões pedagógicas que podem proporcionar diversas práticas de ensino-aprendizagem no âmbito da educação escolar.

A dimensão pedagógica dos mitos indígenas revela que o ser humano tem a capacidade de atribuir aos ambientes naturais e culturais vários sentidos, criando assim para vários elementos da fauna e da flora complexos significados que ajudam nos processos de conservação e preservação dos territórios indígenas. Então, os mitos indígenas revelam que a dimensão humana tem a capacidade pedagógica de criar e imaginar um conjunto de símbolos (linguagens) que produz uma diversidade de representações para esses ambientes. Diante dessa complexidade, Junqueira (2008, p.11-12) esclarece que: [...] a relação que mantemos com a natureza é bastante criativa. Atribuímos valor e significado a tudo que nos cerca, desde as coisas materiais até as sensações, atitudes, desejos, entre outros. Nada escapa ao crivo de valorização que pode ser tanto positivo como negativo.

Nesse sentido, os símbolos que formam os mitos são elementos como: objetos, sentimentos, lugares, entre outros, que carregam uma mensagem, regra ou orientação a cada cultura. Os símbolos presentes nos mitos são relevantes para a vida humana. Para falar sobre esses símbolos, Campbell (1990) também contribui afirmando que se trata de todas as coisas físicas ou inanimadas, os objetos concretos, os sons, as crenças, entre outros elementos presentes em uma cultura. O autor nos revela que os símbolos são importantes para a interpretação da dimensão da vida humana, por isso compreendemos que na dimensão humana encontram-se as relações pedagógicas do mito relacionadas às formas de ser e estar no mundo. Para Geertz (2008), a relação do ser humano com o mundo está mediada pelos significados, representações e valores que são atribuídos aos símbolos:

> [...] os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou uma serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem resumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve se comportar quem está nele. (GEERTZ, 2008, p. 93)

Nesse cenário, os mitos indígenas são formados por um conjunto de símbolos que foram ao longo de séculos sistematizados harmoniosamente pela sociedade e transmitidos às demais gerações. Assim, para refletir sobre os símbolos presentes nos mitos indígenas torna-se necessário recorrer aos estudos sobre o poder do mito de Campbell (1990). Em seus estudos o autor traz a compreensão de que todas as coisas físicas ou inanimadas, os objetos concretos, os sons, as crenças, entre outros, passam necessariamente pela dimensão pedagógica dos mitos.

Para Campbell (1990), com o passar dos anos as representações simbólicas presentes nos mitos foram sendo fixadas com base em cada cultura e crenças dos diversos povos da Terra. A manutenção desses conhecimentos passa pelas narrativas orais que contribuem sobremaneira para a existência da diversidade cultural desses saberes. Para o autor, quando esse significado simbólico se materializa na cultura de um povo, passa a funcionar como um paradigma que orienta os limites e as possibilidades da identidade cultural e espiritual desse povo, surgindo dessa forma uma diversidade de mitos que sustenta diversas formas de compreender os ambientes naturais e culturais.

Geertz (2008) fez vários estudos em diferentes regiões do mundo e evidenciou que os mitos e símbolos que os povos veem como sagrados variam amplamente de uma cultura para outra, assim como o seu grau de representação. Com este olhar pedagógico carregado da dimensão educativa da interculturalidade[1], acredita-se que os mitos presentes nas diferentes culturas estão carregados de símbolos que são projeções dos fatos reais ou imaginários, verdadeiramente acontecidos ou criados, os

1. Compreendemos que os conceitos de identidade, homogeneidade e diversidade são eixos definidores da interculturalidade, que tem na educação escolar e suas instituições e agentes os meios de desenvolvimento. Dessa forma, entendemos que os valores da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da igualdade, da tolerância e dos princípios da educação para sociedade sustentável pressupõem caminhos para construção de diálogos de saberes que trazem a oposição à supremacia de hegemonia cultural.

quais os primeiros narradores registraram com suas limitadas expressões. E que com a tradição oral foram ganhando novas dimensões pedagógicas pela criatividade da imaginação dos seus narradores, sendo passados de geração a geração nos processos de ensino-aprendizagem não escolar.

É com essa visão de pesquisadores da dimensão pedagógica dos mitos indígenas que mergulhamos nesse universo, em busca dos símbolos mitológicos e suas linguagens metafóricas que estão intrinsecamente ligados aos ambientes naturais e culturais do povo indígena Gavião Ikolen. Nesse rumo, entende-se que os mitos contêm muitas dimensões educativas que ainda precisam ser desvendadas pelos campos híbridos da educação escolar.

Para a compreensão da dimensão pedagógica do mito é imprescindível romper com as próprias crenças e ver os símbolos mitológicos sob outro olhar e perspectiva. Essa ação é necessária para identificar os saberes mitológicos ocultos no ambiente natural e cultural das comunidades indígenas. Sensibilizados com o pensamento pedagógico existente nos mitos, acredita-se que "[...] se a educação não pode tudo, mas alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante" (FREIRE, 1996, p. 70).

Nesse rumo, é no pouco que pode a educação que buscamos mergulhar na dimensão pedagógica do mito do Goihanei e Dzerebãi, da etnia Gavião Ikolen, buscando pistas que possam contribuir com reflexão de novos saberes para os processos educativos da educação escolar. Como ponto de partida, acredita-se que esses mitos apresentam símbolos e metáforas que ajudam a compreender as relações interculturais do povo Gavião Ikolen de Rondônia.

É importante compreender que para identificar a dimensão pedagógica de um mito não basta ler textos e livros renomados, mas aprender a ouvir, a sentir e a contemplar as intrínsecas relações de natureza e cultura dos povos indígenas. Como dizia Alves[2] (2004, p. 1) "as palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. [...] Aprendemos palavras para melhorar os olhos. [...] Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. [...] O ato de ver não é coisa natural. O ato de ver precisa ser aprendido". Portanto, para reconhecer a dimensão pedagógica de um mito, é preciso compreender a sua importância nas relações culturais, e essa não é uma tarefa fácil, pois exige do pesquisador a transmutação do olhar e a sensibilidade de contemplar o outro na sua diferença.

2 Os mitos e as metáforas

Campbell (1990) considera que os mitos podem ser considerados metáforas[3] emergidas por meio da potencialidade espiritual do ser humano, que além de atribuir significados aos sons, objetos, animais e plantas, formando os símbolos, podem animar nossa vida e a vida do mundo. E essas atribuições são distintas e singulares, pois os mitos dos deuses podem estar relacionados com sociedades ou comunidades específicas. Esses mitos orientam a vida dos indivíduos que deles se apropriam interferindo diretamente nos costumes, regras e maneiras de um grupo viver e conviver com os demais seres ao seu redor.

Ao longo dos anos esses pensamentos foram sistematizados, possibilitando o surgimento das atribuições simbólicas de uma sociedade ou comunidade. Essas atribuições não foram momentâneas, efêmeras, e sim passadas de geração para geração por meio da oralidade e observação, sendo fixadas na cultura dos diversos povos que habitam o planeta Terra. E a manutenção dos conhecimentos culturais de um povo possibilita que a cultura permaneça viva com todo seu dinamismo, embora milhares de anos tenham se passado.

Quando as atribuições simbólicas são inseridas na dimensão cultural de determinada sociedade, passam a funcionar como paradigmas

2. Texto "A complicada arte de ver", publicado pelo "Sinapse", jornal "Folha de S.Paulo", em 26/10/2004. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em 6 de maio de 2014.

3. O termo "metáforas" utilizado neste estudo é orientado por Campbell (2002) que assegura que as metáforas são a capacidade humana de transcender o real, se transportar para outros lugares por meio das linguagens simbólicas.

na relação ser humano e ambiente, que orientam os limites e as possibilidades desses povos. E é nesse contexto que surgem os diversos mitos relacionados à natureza e ao ser humano presentes nas mais diversificadas culturas do mundo. De maneira conceitual, Campbell (2002, p. 39) afirma que:

> A mitologia é um sistema de imagens que adota a mente e os sentimentos de um sentido de participação num campo de significados. As diferentes mitologias definem os significados possíveis da experiência de uma pessoa em termos do conhecimento do período histórico, bem como o impacto psicológico desse conhecimento difundido através de estruturas sociológicas sobre o sistema complexo e psicossomático conhecido como ser humano.

E os mitos presentes em todas as culturas se expressam por meio dos diferentes símbolos que organizam e compõem a narrativa oral ou escrita, atribuindo diversos valores e sentidos aos elementos constituintes. Esses elementos não estão distantes da realidade, mas intrinsecamente relacionados com o cotidiano vivenciado por uma comunidade e sociedade. Do mesmo modo que as dimensões pedagógicas dos mitos serão singulares em cada sociedade e cultura.

Em outra contribuição, o autor afirma que "[...] todas as mitologias chegam a nós no âmbito de certa cultura específica e precisam falar a nós através da linguagem e dos símbolos dessa cultura" (CAMPBELL, 2002, p. 33). Se não fosse por meio dessa linguagem simbólica, compreender o outro, o diferente, com seus costumes e cultura, seria uma tarefa ainda mais difícil.

A linguagem simbólica, sendo particular e característica de uma comunidade ou sociedade, não pode ser interpretada e analisada sem antes se compreender as atribuições subjetivas incorporadas aos símbolos que compõem determinada mitologia, pois consoante Campbell (2002), um sistema de símbolos mitológicos somente atua se operar na esfera de uma comunidade de pessoas que tenham experiências essencialmente análogas, ou, para nos expressarmos de outra maneira, que partilhem do mesmo domínio de experiência de vida. Caso contrário, os símbolos presentes no mito não terão valor, não significarão nada para o que está "fora" do grupo. É muito comum constatar esse fator no cotidiano, temos como exemplo a infinidade de igrejas que têm particularidades na maneira de expressarem a crença, de se vestir, de agir socialmente, entre outros, mas o que importa é o que cada uma acredita como "verdade", desprezando a linguagem simbólica das demais.

O símbolo do mito sozinho não é capaz de fortalecer e fazer a manutenção de uma cultura ou mitologia, ele precisa que uma metáfora lhe esteja vinculada. Para Campbell (2002, p. 18), "[...] a palavra metáfora provém do grego *meta*, que indica uma passagem ou um ir de um lugar para outro, e de *forein,* mover ou carregar. Metáforas nos carregam de um lugar para outro; capacitam-nos a cruzar fronteiras que de outra maneira estariam fechadas para nós". Nesse sentido, o mito é estático e imóvel, porém quando ele tem uma metáfora que possibilita ir além da palavra, o símbolo, como uma borboleta, sai do casulo e cria asas para voar por lugares inexplorados, desconhecidos, levando o indivíduo a se maravilhar ou assustar. Nesse contexto, "a vida de uma mitologia brota e depende do vigor metafórico de seus símbolos" (CAMPBELL, 2002, p. 35), para reforçá-la ao anulá-la.

A sociedade está repleta de diferentes mitos e linguagens simbólicas. Entretanto, a maioria das pessoas não consegue perceber que em sua cultura contém mitos. Acreditam que suas crenças e costumes devem ser vistos como verdade, algo autêntico, que não comporta a dúvida. Para essas pessoas a crença alheia é algo que não merece credibilidade, visto como um equívoco em que há interpretações errôneas e surreais, sendo até mesmo vistas como mentira.

Nesse aspecto, Campbell (2002, p. 28) afirma que "[...] o mito não é uma mentira. O todo de uma mitologia é uma organização de imagens e narrativas simbólicas, metáforas das possibilidades da experiência humana e a realização de uma dada cultura num determinado tempo". Nesse sentido, é importante conhecer e respeitar as diversas crenças e mitologias que permeiam nossas vidas para não cometer o egocentrismo cultural. Aprofundando essa discussão, Lévi-Strauss complementa:

> Longe de serem, como muitas vezes se pretendeu, obra de uma "função fabuladora" que volta as costas à realidade, os mitos e os ritos oferecem como valor principal a ser preservado até hoje, de forma residual, modos de observação e de reflexão que foram (e sem dúvida permanecem) exatamente

> adaptados a descobertas de tipo determinado: as que a natureza autorizava, a partir da organização e da exploração especulativa do mundo sensível em termos de sensível. (LÉVI-STRAUSS, 2002, p. 31)

Como o mito está amalgamado nas diversas culturas do universo, através das linguagens simbólicas e suas metáforas, pode ser evidenciado que no mito há uma diversidade de dimensões pedagógicas que formam os processos educativos de uma sociedade. E que cada cultura tem uma mitologia específica para determinados fatores e situações. De acordo com Campbell (2002, p. 86), "a função da mitologia, relembramos, é também espiritualizar tanto o lugar quanto as condições nas quais você vive", condicionando e orientando as relações entre o ser humano e o ambiente[4] em que este se encontra inserido.

3 Dimensão educativa e pedagógica do mito

A dimensão educativa e pedagógica dos mitos permeia uma cultura, contribuindo para os processos próprios de ensino-aprendizagem em uma comunidade. Fazendo uma reflexão nesse sentido, buscou-se compreender as diversas dimensões pedagógicas do mito e como estas contribuem para os processos educativos de uma comunidade, cultura ou sociedade.

Para Campbell (1990), todo indivíduo busca um aspecto mitológico para relacionar com sua própria vida, pois não é comum encontrar pessoas que vivam desprendidas de qualquer mitologia ou atribuição simbólica, por menor que seja. O autor afirma ainda que o mito possui uma função pedagógica. E esta função do mito se caracteriza na sua dimensão pedagógica, que orienta todos os processos da vida humana, inclusive os processos educativos de uma cultura, seja ela qual for.

Esse aprendizado não está relacionado apenas com o aprender escolar, mas envolve todas as demais situações da vida do indivíduo. Como, por exemplo, nos ritos de passagem, observação dos demais do grupo ou família, erros e acertos no decorrer da vida, enfim, todas as situações que acontecem na vida de um determinado indivíduo fazem com que passe por um processo pedagógico, em que o estado original é alterado, modificado consciente ou inconscientemente. Contribuindo nessa afirmação, Freire (1996) assegura que somos seres inacabados e aos poucos vamos nos fazendo, nos apropriando do "outro", montando a nós mesmos, em meio a um processo longo e dinâmico, cheio de evoluções e retrocessos.

Os mitos, por meio dos símbolos, trazem um conjunto de saberes educativos a uma comunidade e sociedade, contribuindo para os processos de ensinar e aprender dos indivíduos que formam esse meio. Para Geertz (2008, p. 93-94) "[...] os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia com uma estética e uma moralidade".

Nesse contexto, as dimensões pedagógicas do mito funcionam com um guia para determinados sujeitos, culturas e sociedades, que orientam a maneira de se relacionar, ver e sentir o mundo e seus elementos simbólicos, estabelecer regras e costumes, enfim, a maneira pela qual cada indivíduo deve se portar, relacionar, conceber, entre outros, abrangendo do nascimento à sua morte. Até mesmo a relação estabelecida entre seres humanos, sociedade e natureza.

Aprofundando-se na dimensão pedagógica do mito, Campbell (1990) afirma que este conduz à formação do indivíduo, abrangendo os rituais de passagem presentes nos vários estágios da vida, levando-o a entrar em equilíbrio com o "fundamento do ser", aprendendo e ensinando a viver sob determinada regra ou circunstância, buscando, como o próprio Campbell disse, "uma experiência de vida ou de estar vivo".

Freire (1996, p. 69) afirma que a educação é dinâmica, mutável e política, jamais neutra, visto que "[...] para que a educação fosse neutra era preciso que não houvesse discordância nenhuma entre as pessoas com relação aos modos de vida individual e social, com relação ao estilo político a ser posto em prática, aos valores a serem encarnados". Nesse sentido, também pode ser afirmado que os mitos têm uma dimensão pedagógica e política, visto que estes fazem parte da identidade, orientam as ações, formam valores, sistematizam as relações de um grupo e são passados de geração em geração. Para ele, essa educação ensinada através do mito abrange todo o ambiente no qual o sujeito se encontra inserido.

O ser humano tem uma mentalidade criativa que lhe permitiu criar, em seus diferentes

4. O termo "ambiente" neste estudo se refere ao ambiente social e cultural no qual cada sujeito se situa.

grupos e organizações, uma infinidade dos mitos. As dimensões pedagógicas que emergem dos mitos na maioria das vezes são narrativas orais, carregadas de significados simbólicos que geralmente estão relacionados à cosmogonia[5] referente a deuses que encarnam as forças da natureza com aspectos da condição humana ou animal. Essas representações às vezes são consideradas exageradas pela imaginação popular, pela tradição e pelo cartesianismo[6].

Nessa perspectiva, este estudo possibilitou compreender que o mito tem uma dimensão pedagógica carregada de alegorias criadas pelos sabedores de um povo, cultura ou sociedade, que revelam verdades e conhecimentos milenares. Esses conhecimentos expressam conceitos morais, filosóficos e religiosos importantes na determinação dos paradigmas e das identidades culturais de diversos povos, fazendo parte de seus processos educativos.

Essa dimensão pedagógica do mito colabora para a constituição de um processo de educação não escolar, visto que ela forma um indivíduo em uma sociedade. Nesse sentido, o mito tem caráter formativo, que está relacionado aos processos educativos que o permeiam, sendo evidenciado nas regras, proibições, conselhos e orientações mitológicas. Sua relevância ocorre pelo fato de o mito constituir os saberes e conhecimentos de um povo e permear o processo educativo de uma comunidade.

O presente artigo traz reflexões e apontamentos sobre as dimensões pedagógicas que permeiam os mitos indígenas e a relevância destes para a preservação do território e do ambiente social e natural, para construção de sociedades sustentáveis com os povos indígenas. Este estudo buscou conhecer os mitos da identidade cultural do povo Gavião Ikolen relacionados ao ser humano, à sociedade e à natureza; identificar a dimensão pedagógica dos mitos que podem contribuir para os pressupostos teóricos da educação ambiental para sustentabilidade, e analisar a dimensão pedagógica e educativa dos mitos, nos processos de preservação e conservação dos territórios indígenas. Os resultados fazem parte das leituras e reflexões realizadas no decorrer deste estudo, que possibilitaram relacionar o conhecimento dos teóricos com os resultados apontados pela pesquisa realizada com os acadêmicos indígenas da etnia Gavião Ikolen.

As metáforas presentes nos símbolos que compõem os mitos indígenas da etnia Gavião Ikolen guiam, orientam, normatizam, estabelecem regras, entre outros, a todos e todas que formam esse povo, constituindo as dimensões pedagógicas do mito. Essas ações precedidas pelos mitos contribuem sobremaneira para a construção de sociedades sustentáveis e a preservação do território em que esses indivíduos encontram-se inseridos.

Antes de apresentação dos resultados deste estudo, se faz necessário mostrar quem são os povos indígenas evidenciados na pesquisa e onde vivem atualmente, no intuito de facilitar a compreensão do mito para a preservação e construção de sociedades sustentáveis.

3.1 O povo indígena Gavião Ikolen de Rondônia

Como muitos outros grupos indígenas, eles sofreram os efeitos do avanço das frentes de expansão econômica sobre suas terras. Mindlin (2001) relata que nos anos 1940 houve o segundo ciclo da borracha, em 1960 a abertura da BR-364 que colaborou no aumento do fluxo migratório e a partir de 1970, a exploração madeireira, a colonização e a atividade agropecuária. Todos esses fatores colaboraram para fortes conflitos

5. Conforme Iba Mendes, "etimologicamente a palavra cosmogonia vem do grego *cosmos*, que significa **mundo**, e *gonia,* que quer dizer **geração**, **nascimento**. Trata ela do nascimento, o propósito e o fim de todos os seres sob a ação dos deuses. O *Dicionário Houaiss* dá três definições para o termo, a saber: 1. princípios (religiosos, míticos ou científicos) que se ocupa em explicar a origem, o princípio do universo; 2. conjunto de teorias que propõe uma explicação para o aparecimento e formação do sistema solar; 3. qualquer fundamento teórico que busque explicar a formação das galáxias a partir de um princípio primordial.". Informação disponível em < http://www.etimologista.com/2012/02/o-que-e-cosmogonia.html >. Acesso em 21 de maio de 2014.

6. Oriundo do nome do filósofo francês Descartes, refere-se à forma de considerar um fenômeno ou um conceito, isolando-os do cenário geral em que aparecem. Que confia de modo irrestrito e exclusivo na capacidade cognitiva da razão, mas limitando-a às explicações mecânicas, simplificadoras, que são inadequadas à compreensão da realidade como um todo. Não devemos ser cartesianos na análise de um problema, pois, muitas vezes, isolarmos um fator do restante do cenário pode resultar em uma decisão equivocada. Informação disponível em < http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cartesiano/11796/ >. Acesso em 21 de maio de 2014.

entre indígenas e colonos.

Segundo Mindlin (2001), os primeiros contatos dos Ikolen com não indígenas ocorreram na década de 1940 e foram intermediados pelos Arara Karo, um outro povo indígena que já mantinham relações com seringalistas e seringueiros, nas margens do rio Machado, município de Ji-Paraná. Na década de 1950, em sequência ao crescimento da exploração da borracha e início da mineração na região, houve grande mortandade entre os Ikolen, caracterizando-se como um grande etnocídio sofrido por esses povos.

A partir de 1953, os Ikolen se aproximaram definitivamente dos não indígenas, passando a trabalhar periodicamente como seringueiros em troca de roupas e ferramentas. A presença dos não índios alterou significativamente as relações entre os Ikolen e os Arara Karo, que passaram a competir pelos novos recursos introduzidos na aldeia, sobretudo artigos industrializados.

Atualmente a população dos indígenas da etnia Gavião Ikolen é de aproximadamente 650 habitantes, que se distribuem nas aldeias Ikolen, Cacoal, Nova Esperança, Castanheira e Ingazeira. Todas essas aldeias estão situadas na Terra Indígena Igarapé Lourdes, a cerca de sessenta quilômetros do município de Ji-Paraná, no estado de Rondônia. Esse povo se autodenomina Ikolen, que significa na língua materna "Gavião". E falam uma língua do tronco tupi e da família mondé.

Os indígenas Gavião Ikolen ainda vivem graves conflitos e enfrentam problemas para defender seu território, visto que para eles a terra não equivale a bens materiais, grandes riquezas ou fazendas, mas está arraigada a um conjunto de valores simbólicos e subjetivos que precisam ser preservados.

O povo indígena da etnia Gavião Ikolen mora na Terra Indígena (TI) Igarapé Lourdes[7] que tem como limites: o rio Machado a oeste; a divisa com o estado do Mato Grosso a leste; o igarapé Prainha e uma linha seca que parte dele ao sul e, por fim, o igarapé Água Azul ao norte, onde a terra indígena se sobrepõe à parte da Reserva Biológica do Jaru. Segundo a FUNAI[8], a TI Igarapé Lourdes tem extensão territorial de 185.533 hectares, onde residem os povos indígenas das etnias Arara Karo e Gavião Ikolen.

Os povos indígenas da etnia Gavião Ikolen envolvidos no estudo apresentam uma diversidade de mitos, que foram construídos ao longo de muitos anos para orientar e explicar suas ações, regras e costumes. E os símbolos que compõem esses mitos estão ligados aos elementos presentes no cotidiano desses povos. Com o passar do tempo e a consequentemente transformação dos ambientes sociais e culturais, nos quais esses povos se encontram inseridos, muitos símbolos que compõem os mitos vêm sendo extintos ou substituídos por outros. E como afirma Campbell (1972, p. 171), "[...] cada mitologia é, consequentemente, uma organização de sinais libertadores culturalmente condicionados, estando as tensões naturais e culturais neles presentes tão amalgamadas que distinguir umas das outras; em muitos casos, é quase impossível". Embora tenham ocorrido mudanças em todos os ambientes, essas mitologias guardam seus símbolos e metáforas, que sistematizam as dimensões pedagógicas com relação ao ambiente.

Refletindo sobre as mudanças ocorridas no ambiente natural e cultural das comunidades indígenas, Mindlin (2001) afirma que atualmente há outra geração, pois os mais velhos e narradores do contato já morreram. Ela assegura que a vida indígena mudou, agora eles são cidadãos brasileiros que estão inseridos no mercado, nas escolas, na cidade, votam, são candidatos, usam computadores e *internet*, organizam-se em associações, têm muitos interesses. Porém, com todas essas mudanças, para a autora os mitos permanecem vivos não só no imaginário, mas nas histórias e narrativas, orientando a forma de vida desses povos.

3.2 Caminhos da pesquisa

O encontro do "Eu" com o "Tu" possibilita a troca de saberes e conhecimentos que permeiam o universo em que ambos os sujeitos se encontram inseridos. Partindo dessa perspectiva, a Universidade aparece como fomentadora desses encontros, por ser composta de diferentes indivíduos com suas culturas e conhecimentos próprios. O diálogo nesse processo surge como uma ferramenta importante nas trocas de saberes e conhecimentos que constituem essas culturas.

Dessa forma, os estudos e pesquisas

7. Dados disponível em: < http://pib.socioambiental.org/pt/povo/ikolen/1308>. Acesso em 29 de abril de 2014.

8. Disponível no *site:* <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em 1º de maio de 2014.

realizados em conjunto com os acadêmicos indígenas do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia possibilitaram essa troca de saberes, ensinando não só como é a cultura do "Outro" como despertando a curiosidade referente a outros aspectos da cultura indígena. Compreender o mito indígena e a relação estabelecida com o ambiente no qual a comunidade vive foi a mola propulsora deste estudo, que buscou evidenciar a dimensão pedagógica que perpassa esse processo.

No convívio diário com os acadêmicos indígenas na Universidade, durante as etapas de formação, conversávamos sobre os costumes, regras, mitos e cuidados que têm com o ambiente onde vivem. Em uma dessas conversas percebemos a possibilidade de realizar este estudo, que com algumas leituras e reflexões tornou-se para nós pertinentes. Devido à escassez de registros bibliográficos dessas narrativas mitológicas, o estudo utilizou a metodologia da história oral. Conforme Meihy (2002), a história oral é um recurso moderno que auxilia na elaboração de documentos, arquivamento e estudos sobre a vida de pessoas, podendo ser utilizada para documentalizar experiências e vivências de grupos silenciados. O autor acrescenta ainda que "[...] a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser uma história oral" (MEIHY, 2002, p. 10). Nesse sentido, podemos ressaltar que os mitos que fizeram parte do passado continuam vivos nas memórias e narrativas dos povos indígenas, orientando a vida das diferentes etnias e comunidades.

Meihy (2002) classifica a história oral em quatro tipos distintos: a história oral temática, a tradição oral, a história oral testemunhal e a história oral de vida. Este estudo utilizou a tradição oral, que está voltada aos estudos dos mitos e explicações subjetivas da vida social das comunidades, que têm valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto.

Autores como Portelli (1997) e Meihy (2002) apontam que a história oral tem duas formas distintas de se apresentar. Meihy (2002) apresenta a primeira corrente da história oral como uma manifestação social de repercussão política, à medida que procura dar voz a uma "outra história" ou a uma "história vinda de baixo" de pessoas anônimas, comuns e do cotidiano; já a segunda corrente admite a fonte oral como complementar ao entrecruzamento de fontes documentais, permanecendo a opção por ocupar-se somente dos "notáveis". Segundo Portelli (1997), as fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas. E são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro muito mais abundante de informações.

Este estudo busca, por meio da metodologia da história oral, dar voz aos mitos indígenas, que vindos de uma população não hegemônica são ainda pouco conhecidos e estudados, principalmente com relação aos processos educativos e pedagógicos do mito na sustentabilidade do ambiente. Para Meihy e Holanda (2007, p. 34), "Onde a História vê fragilidade, a história oral encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e possibilidade original".

3.3 Os mitos na cultura do Povo Gavião Ikolen

A cultura da etnia Gavião Ikolen é repleta de narrativas mitológicas que sistematizam as crenças, regras e condutas da população e são utilizadas no cotidiano da comunidade indígena. Para Mindlin (2001, p. 14) "[...] as narrativas misturam o que costumamos chamar de realidade com o transcendente, sem limites precisos", fazendo da fala um instrumento poderoso para orientar e fazer a manutenção da cultura e costumes da comunidade. Junqueira (2008) afirma que são esses símbolos que juntamente com outros fatores formam a cultura do povo. Nesse sentido, constatamos a importância dos mitos para uma cultura, visto que eles são constituídos de símbolos que permeiam seus modos de vida, sendo passados de geração em geração pela oralidade. Ao se referir à história oral, Meihy (2002, p. 15) assegura que "ela é sempre uma história do presente, reconhecida como uma história viva".

Na busca das dimensões pedagógicas dos mitos indígenas que estão relacionados com o ambiente e o território, o estudo evidenciou a narrativa de dois mitos, um do espírito do Goihanei e o outro do espírito do Dzerebãi. O mito aqui transcrito foi narrado por Zacarias Kapiaar Gavião, acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural

da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e pertencente à etnia dos Gavião Ikolen. Para gravação, tivemos o auxílio tecnológico de um gravador que permitiu coletar na íntegra a narrativa do colaborador. As gravações foram realizadas na UNIR durante uma das etapas de formação do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, durante o mês de fevereiro de 2014. Depois de transcritas, as narrativas ganharam forma textual e literária para análise e interpretação.

A citação de Lévi-Strauss colabora neste momento ao afirmar que "[...] os mitos não têm autor; a partir do momento em que são vistos como mito, e qualquer que tenha sido sua origem real, só existem encarnados numa tradição" (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 37). É precisamente nessa perspectiva que estamos utilizando o termo 'mito' dos Gavião Ikolen.

É importante ressaltar que "[...] a análise mítica não tem nem pode ter por objeto mostrar como os homens pensam. [...] Não pretendemos, portanto, mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos se pensam nos homens, e à sua revelia" (LÉVI-STRAUSS, 2004, p. 31), compreendendo como se dá a relação entre o ser humano e o ambiente (social, cultural e natural).

Nesse primeiro momento o mito será colocado na íntegra para a sistematização e entendimento do mesmo. E posteriormente serão feitos os devidos recortes, para a análise das dimensões pedagógicas e educativas dos símbolos na preservação do território e para a construção de sociedades sustentáveis.

> O Goihanei é um espírito da água, que só o pajé tem contato frequentemente. É ele que sabe falar com o espírito. Segundo o pajé, o Goihanei mora debaixo da água. Ele é o pai do milho. Hoje existem dois tipos de milho: o milho do branco, o milho duro, espiga dura que rapidinho endurece e não dá para comer depois que ele está seco e o milho do índio que é diferente. É mole, mais comprido e dá a árvore mais alta. Quando ele seca, continua mole. Isso acontece porque o milho do índio surgiu com o Goihanei. Quando foi plantado o primeiro milho dado pelo Goihanei, estabeleceu-se uma regra: "Olha, vocês têm que tirar determinada quantidade que vão usar e não podem quebrar nenhum milho, porque ele é filho do Goihanei, o espírito da água".
>
> Algumas mulheres foram para a roça. No caminho o paneiro quebrou e o milho caiu e se machucou. Aí o rio encheu. Porque quando o rio enche bastante é sinal de que o Goihanei está revoltado.
>
> Qualquer coisa que acontece que não é do agrado do Goihanei, o rio enche. A água não aumenta por acaso. O rio não enche sozinho. O rio não alaga a floresta. A força da natureza se revolta por alguma coisa que não agradou o Goihanei.
>
> Para poder comer o primeiro milho e preciso pedir licença para o Goihanei. Para usufruir da colheita do milho tem que fazer uma festa e oferecer o masoqui[9] para o Goihanei. Ele tem que ser o primeiro a comer o milho.
>
> Outra coisa que está acontecendo na natureza que revolta o Goihanei é o desmatamento. Muita gritaria, muito movimento, matança de animais é sinal de que o ambiente dele está sendo prejudicado.
>
> Quando isso acontece, o pajé fala: "Olha! Com Goihanei você não pode fazer bagunça, pular, gritar na beira do rio. Ele vai ficar revoltado. Ele pode pegar seu espírito e levar para dentro da água e você irá morrer. Depois eu tenho que resgatar o seu espírito".
>
> O impacto de uma barragem, se for analisar nesse aspecto do conceito do pajé e o Goihanei, uma barragem causa consequência grave para o Goihanei e traz várias consequências para nós seres humanos, as terras, os bichos, aves, o tatu, a paca, todo mundo sofre as consequências.
>
> A floresta é cheia de espíritos. Tem os espíritos que protege o Goihanei e, às vezes, ele castiga. Tem o espírito do pajé, que é o espírito protetor da comunidade. E há também na floresta um espírito do mal chamado Dzerebãi. Antigamente gente respeitava muito as determinações do pajé, porque ele conhecia os espíritos bons e os ruins que rodeavam a aldeia.
>
> Era o pajé que passava as informações de

9. Para o povo indígena da etnia Gavião *Ikolen,* o masoqui é uma espécie de mingau feito de milho verde.

> como podia viver na aldeia. Ele também tinha o poder de manipular o espírito dos animais, do porcão, por exemplo, o pajé tinha o poder de manipular o espírito do porco, e o porcão, a caça que os índios matavam para fazer o banquete deles.
>
> Uma das coisas que o pajé falava quando uma criança nascia, no dia seguinte não podiam ir para o mato a criança e a mulher. Também não podia ir até a beira do rio. Segundo a crença, a criança ainda não está madura o suficiente para segurar o espírito no seu corpo. E o Goihanei ou o Dzerebãi podiam fazer mal roubando o espírito da criança. Tudo isso existia!
>
> Quando uma criança ficava doente, o pajé falava: "Você desobedeceu alguma determinação do pajé. E por esse motivo está acontecendo isso com essa criança. Eu vou fazer uma pajelança, uma soprada e o menino vai ficar bom".
>
> O Dzerebãi, o espírito do mal. Ele tinha poder de fazer mal invisivelmente. Você não via o Dzerebãi. E quando ele aparecia, se transformava num bicho para de fazer o mal. Por isso é preciso ter cuidado com ele.

Diante das dimensões pedagógicas e educativas dos mitos indígenas, podemos evidenciar que eles procuram revelar-se como a cultura percebe a natureza ao seu redor. Os mitos do Goihanei e o Dzerebãi da etnia Gavião Ikolen estão ligados a um conjunto de regras, castigos e proibições direcionados aos indivíduos da comunidade. Nesse sentido, a análise do mito foi realizada por meio dos recortes dos elementos-símbolo que os constituem, apontando a dimensão pedagógica e educativa para a preservação dos ambientes naturais e culturais do território, evidenciando a possibilidade de construção de sociedades sustentáveis.

3.4 Os mitos na preservação ambiental

A relação do ser humano com os ambientes naturais e culturais está presente em todos os mitos, são relações permeadas por vários símbolos que podem contribuir com os processos de ensino-aprendizagem num programa de educação ambiental voltado para a construção de sociedades sustentáveis. Corroborando nessa discussão, Brandão (2007, p. 20-21) afirma:

> Esparramadas pelos cantos do cotidiano, todas as situações entre pessoas, e entre pessoas e a natureza – situações sempre mediadas pelas regras, símbolos e valores da cultura do grupo – têm, em menor ou maior escala, a sua dimensão pedagógica. Ali, todos os que *convivem aprendem,* aprendem, da sabedoria do grupo social e da força da norma dos costumes da etnia, o saber que torna todos e cada um pessoalmente aptos e socialmente reconhecidos e legitimados para a convivência social, o trabalho, as artes da guerra e os ofícios do amor.

As dimensões do processo educativo possibilitam aprender, assim como os livros e a escola, através do cotidiano. Permitir que a educação perpasse por esses caminhos é criar mecanismos que favoreçam as dimensões pedagógicas do ato educacional presente nos mitos indígenas. E para Carvalho e Sato (2005) a educação ambiental deve promover uma educação que leve em consideração questões temporais e espaciais, possibilitando a sustentabilidade da vida.

Nesse sentido, os símbolos com suas dimensões pedagógicas trazem consigo regras, normas e limites que orientam e sistematizam a forma de viver do povo Gavião Ikolen. Segundo Geertz, "[...] os mitos, os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condições de vida impostas, implícitas num mundo com uma estrutura particular" (2008, p. 96).

Sendo os mitos uma particularidade de um povo, Lévi-Strauss (1985) acrescenta que o mito e seus símbolos não são claramente percebidos, mas são cotejados por meio de valores concretos escolhidos para dar a ilusão de que são solúveis. Para ele "[...] uma finalidade inconsciente orienta essa escolha, mas ela só pode exercer-se sobre uma herança histórica, arbitrária e contingente, de modo que a escolha inicial fica tão inexplicável quanto a dos fonemas que entram na composição de uma língua" (LÉVI-STRAUSS, 1985, p. 215). E esse foi o desafio deste estudo: identificar os símbolos dos mitos indígenas dos Gavião Ikolen.

Seguem abaixo recortes e análises dos principais elementos simbólicos que compõem o mito.

Deuses e regras

Para Gomes (2008), contemplar é um verbo indispensável na busca da dimensão pedagógica do mito, pois nem sempre essa dimensão está explícita para aqueles que não compartilham da mesma cultura. Nesse sentido, a contemplação possibilita a transmutação do olhar, para ver o que está além dos olhares comuns.

Os mitos indígenas são recheados de deuses e espíritos que se materializam em suas crenças e orientam suas ações. Nesse mito analisado, em particular os deuses Dzerebãi e Goihanei funcionam como guardiões do ambiente, cuidando dos animais, plantas e orientando as relações entre o homem e a natureza. Os deuses têm algumas regras que devem ser fielmente respeitadas e cumpridas, caso necessário, os "desobedientes" ou seus familiares poderão sofrer vários tipos de penalidade ou castigos. Essa parte da narrativa do mito tem uma educação formativa, por direcionar quais as regras um determinado sujeito deve tomar.

Sem os deuses e suas regras para proteger e cuidar, as coisas seriam banalizadas e deixariam de existir. E atualmente podemos constatar com muita facilidade o lixo nos rios e igarapés que ocasionam a morte dos peixes e a impossibilidade de se alimentar destes; as doenças respiratórias causadas pela poluição atmosférica; a ausência de alimentos naturais e a forte presença de alimentos com componentes químicos prejudiciais ao bom funcionamento do organismo, entre outros. Nesse sentido, a metáfora atribuída nesse contexto se refere à importância de cuidar e saber que o ambiente precisa ser respeitado e cuidado, com regras e ações práticas e claras.

Referindo-se aos deuses nas mais diversas culturas, Campbell (2002, p. 67) afirma que "[...] esses eternos símbolos são conhecidos de todas as mitologias e têm sido sempre a sustentação e os modelos da vida humana". Sejam quais forem os deuses de uma sociedade, eles sempre estarão condicionando e sistematizado as relações dos indivíduos que os têm como seres superiores, dignos de respeito e obediência.

Milho

O milho para o povo Gavião Ikolen representa um dos alimentos mais importantes e seu uso deve ser feito respeitando alguns cuidados e recomendações do pajé. Esse fato se dá pelo motivo de o milho ser um alimento dado ao povo indígena pelo espírito da água, o *Goihanei.* Cuidar do milho desde o plantio até o preparo dos alimentos é garantir uma relação tranquila com o *Goihanei,* porém não cuidar da plantação ou desperdiçá-lo poderá trazer à comunidade graves consequências.

Bond (2009), ao pesquisar sobre o surgimento do milho, assegura que a planta é nativa das Américas e a domesticação do vegetal selvagem, feita pelas nações indígenas, pode ter começado no México por volta de 5.000 A.C. Sendo assim, os indígenas são povos que milenarmente utilizam o milho em seus cardápios alimentares. Com a fragmentação do ambiente social e cultural desses povos indígenas, o milho perderia seu valor e relevância para a comunidade. Promover a sustentabilidade de seus costumes, saberes, organizações sociais e políticas, é garantir a promoção da vida desses povos. A vida de um povo está ligada à relação que este tem com o ambiente no qual se encontra inserido, perder o hábito da agricultura e do cultivo do milho significa perder um dos componentes alimentares de grande importância nutricional para as comunidades indígenas.

A dimensão pedagógica desse símbolo está no cuidar, pois a relação que é estabelecida no ambiente com o cuidado da planta está diretamente ligada às consequências boas ou ruins sofridas pela comunidade. Cuidar do milho é cuidar da própria sobrevivência, garantindo a manutenção dos saberes e costumes do povo.

Água

Como símbolo de vida e renascimento, a água é cuidada pelo grande espírito – Goihanei – pelo fato de sua estrema relevância para a vida do ambiente no qual as comunidades indígenas se encontram situadas. É da água que todos os seres vivos tiram o componente essencial à vida e sua manutenção, devendo assim ser cuidada e preservada por todos.

Por outro lado, a simbologia da água está ligada a outro fator, o castigo, pois quando os seres vivos não estão respeitando a natureza, os animais, as margens do rio com suas plantas, o Goihanei se revolta e provoca uma grande enchente, alagando casas, plantações, até mesmo a floresta. Mas não é voluntária essa ação, ela é

fruto da quebra de alguma regra ou ordem previamente estabelecida no grupo. Nesse contexto é preciso estar em equilíbrio com as forças da natureza, para que ambos possam viver e usufruir as riquezas, como forma de preservar os diversos ambientes em que as populações indígenas e não indígenas transitam.

O mito faz lembrar a Lei de Newton que se refere à causa e efeito, segundo a qual para toda ação há uma reação. Nesse caso, o ato de estragar o milho gerou uma consequência negativa às pessoas que o realizaram, envolvendo os demais integrantes do grupo. O castigo atribuído foi a grande proporção de água que inundou suas casas e plantações. E sendo a água um dos componentes principais para a vida – seja ela animal ou vegetal –, a cheia provoca muita tristeza e fome ao povo.

A água é extremamente importante, sendo usada para beber e cozinhar os alimentos; para morada e sobrevivências dos animais aquáticos, sendo que muitos compõem o cardápio alimentar dos indígenas; para higienização e limpeza; para a diversão, nos banhos e brincadeiras; e para viajar, visto que o barco e a canoa são os meios de transporte mais utilizados. O desequilíbrio desse ecossistema, assim como seu fluxo, implica seriamente na vida das populações indígenas. Para Grassi (2001, p. 1) "[...] a água é um recurso fundamental para a existência da vida, na forma que nós conhecemos. Foi na água que a vida floresceu, e seria difícil imaginar a existência de qualquer forma de vida na ausência deste recurso vital".

Nesse mito a água traz uma importante simbologia, significando a vida no ambiente natural e social, vida que depende desse equilíbrio; sem a água ou com inundação, não é possível a continuação da sobrevivência da aldeia e dos seres que a cercam. A metáfora desses símbolos mitológicos traz um alerta: "Todas as vidas, seja ela animal ou vegetal, devem ser protegidas, caso contrário haverá consequências aos responsáveis pelo descuido". Esse alerta cabe a todos os seres humanos, sem distinguir sexo, idade ou *status* social.

Conforme o mito, o Goihanei mora debaixo da água e se irrita com barulho, tiros de espingarda, derrubada de árvores, matança de animais, entre outros fatores, fazendo dessa forma que o povo Gavião Ikolen tenha alguns cuidados e respeitos com os rios, as plantas, animais, enfim, todos os demais seres vivos que o cercam. A dimensão pedagógica do mito passa a ser esses cuidados, costumes, crenças e valores que são legitimados na comunidade, passando a orientar seus modos de viver e se relacionar com o ambiente. Esta imagem, segundo os indígenas da etnia Gavião, mostra a casa do espírito do Goihanei, pois segundo eles o espírito mora no fundo dos rios e cachoeiras, onde só os pajés conseguem ir e nadar junto com o espírito.

Preservar os rios e cuidar de suas águas é garantir de forma parcial a sustentabilidade da comunidade indígena que a utiliza em seu cotidiano. A dimensão pedagógica do mito é passada para as gerações futuras, estabelecendo uma relação de cuidado e preservação com o ambiente em que vivem.

Fotografia "A morada do *Goihanei*" de Zacarias Kapiaar Gavião



Floresta

A floresta nesse mito aparece como a grande casa, povoada por espíritos, pessoas, animais, plantas, entre outros, onde cada um tem sua finalidade e relevância. Para Sauvé (2005), sob a perspectiva da EA etnográfica, a alteração ou morte em uma dessas classes provoca desestruturação em todo o ambiente, que pode ser sentida pelas demais classes pertencentes à floresta.

A morte da floresta, em si a "grande casa", faz com que todas as demais vidas comecem um

processo de degradação e estas vão morrendo aos poucos. E mesmo que busquem resistir à realidade, esta vai mudando e levando consigo todas as possibilidades de continuar.

Conforme o Instituto de Pesquisa Ambiental na Amazônia10 (IPAM), o Brasil tem cerca de 896.000 indígenas, sistematizados em 225 comunidades indígenas, falando aproximadamente 180 línguas. Do território nacional apenas 12,41% estão destinados aos povos indígenas. Outro fator que deve ser ressaltado se refere à Amazônia Legal que abriga 69% dessas terras brasileiras, onde 55% são Terras Indígenas, destinadas às populações indígenas, as quais dependem da floresta para perpetuarem seu modo de vida e sua cultura.

Diante desses dados apontados pelo IPAM, ficou evidente que os povos indígenas, mesmo sendo uma pequena parcela da população brasileira, corroboram de maneira significativa para a preservação do ambiente, visto que se esses povos não lutassem pela sobrevivência de suas "grandes casas" a floresta poderia não existir mais, sobrando apenas os plantios de soja, pasto e gado.

Os espíritos Goihanei e Dzerebãi atribuem diversos castigos aos seres que desrespeitam suas ordens, àqueles e àquelas que não cuidam e preservam a floresta e os seres que a habitam. Entretanto, nem todas as pessoas têm a sensibilidade de compreender os fatos que ocorrem em suas vidas com as metáforas do mito.

Animais

Os animais, assim como os seres humanos, têm espírito, e podem ser habitados pelo espírito do Goihanei ou Dzerebãi, vai depender da situação que tiver ocorrido. E sendo os animais componentes da alimentação do povo indígena, é necessário que se tenham alguns cuidados quanto ao seu sacrifício, por exemplo, matar o animal apenas para vê-lo morto ou estragar alimento poderá despertar a ira dos guardiões da floresta, trazendo algum tipo de consequência para a pessoa, sua família ou comunidade. Nesse sentido, a simbologia dos animais está ligada à espiritualidade, visto que eles também têm espírito e devem ser respeitados. Outro ponto se refere ao equilíbrio, o animal deve ser sacrificado para saciar a fome, jamais para o desperdício ou se aparecer.

Segundo Crestani (2012), os animais eram usados com frequência nas cerimônias, festas, banquetes. Um grupo saía para caçar por dias e ao retornar trazia alimentos para todos. A chegada era celebrada com festa e bebidas, traziam alegria, fraternidade e união do povo. Entretanto, essa abundância de caças vem diminuindo na medida em que a floresta está sendo derrubada e os animais, caçados de maneira predatória, não para a alimentação, mas para o comércio. É em situações como esta que pode ser constatada a necessidade de construir as sociedades sustentáveis com os povos indígenas, para que possam continuar realizando suas atividades e seus costumes da cultura de maneira sustentável, sem comprometer a vida das futuras gerações.

Pajé

Neste mito a figura do pajé funciona como um grande sabedor do povo, capaz de compreender os símbolos e metáforas apresentados pelos seres invisíveis da natureza. Pode ser comparado como uma ponte entre os espíritos que povoam o ambiente e a comunidade indígena. Com grande poder ideológico e político, cabe ao pajé distribuir as informações de vivência, relacionamento, explicar as regras e restrições, os direitos, cuidados que deviam ter com recém-nascidos, crianças, jovens, adultos e idosos. Compreendemos o simbolismo do pajé e sua responsabilidade na aldeia, pois ele é uma figura sagrada. Para Geertz (2008, p. 71) "[...] as inclinações que os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, vão desde a exultação até a melancolia, da autoconfiança à autopiedade, de uma jocosidade incorrigível a uma suave apatia – para não falar do poder erógeno de tantos mitos e rituais mundiais".

E assim, com os espíritos do Goihanei e Dzerebãi, o pajé também é dotado de espírito capaz de transcender ao seu corpo e manipular os bichos, as caças, além de ter o importante papel de proteger a comunidade dos espíritos que buscavam lhe fazer mal. Pois nem todos os seres podem ser vistos e tocados por pessoas comuns, apenas o pajé tem a capacidade de transcender do seu corpo e compreender as demais vidas que cercam as comunidades e terras indígenas.

O pajé é o grande educador que consegue compreender o mito e ensinar aos demais

10. Disponível em <http://www.ipam.org.br/saiba-mais/A-importancia-das-florestas-em-pe/1>. Acesso em 23 de maio de 2014.

indivíduos da aldeia quais as dimensões pedagógicas que o compõem. Agregando alguns saberes, ele é capaz de ensinar, orientar e estabelecer as regras necessárias para diferentes ações e atividades a serem realizadas no processo de ensino-aprendizagem da comunidade.

Fotografia “Na margem do rio” de Zacarias Kapiaar Gavião



Mindlin (2001) apresenta um conjunto de narrativas do povo indígena Gavião Ikolen e evidencia nessas narrativas o quanto o pajé é importante para a comunidade indígena. Sua relevância está em compreender aquilo que está oculto aos demais indivíduos da comunidade. Ele tem ainda a tarefa pedagógica de ensinar como todos devem se portar no processo de conservação e preservação da natureza. Ter essas precauções está ligado não apenas ao ambiente natural, mas ao cultural e social da aldeia, garantindo a sustentabilidade da comunidade e seus componentes.

3.5 A dimensão pedagógica dos mitos Gavião Ikolen

Os mitos dão vida a um objeto, espaço e lugar, permitindo que as pessoas que compartilham desses saberes e têm esses elementos simbólicos em seus cotidianos, possam ser orientadas e guiadas por eles por meio de uma crença, costume ou cultura transcendendo a realidade, dando vida às suas subjetividades. Nessa perspectiva, Thomas Merton (*apud* Campbell, 2002, p. 213) afirma que “[...] um símbolo contém uma estrutura que desperta nossa consciência para uma nova percepção do sentido interior da vida e da própria realidade”. E esses símbolos criam a “alma” do lugar, pois conforme Yazigi (2001, p. 24) “[...] a alma seria o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo. [...] Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos ‘desalmado’”. Nesse sentido, a alma do lugar dá vida e consagra os lugares, através de experiências transcendentais dos indivíduos de um determinado grupo e sociedade.

Os mitos indígenas têm uma variedade de elementos simbólicos que estão relacionados com o território que habitam e todos os ambientes que o compõem. E por meio deles as comunidades preservam a floresta, os rios, os animais, extraindo da natureza o suficiente para a sobrevivência. Por esse motivo esses grupos colaboram para a formação das sociedades sustentáveis.

Lévi-Strauss, ao discutir sobre os grupos de transformações que ocorrem com o mito, afirma que “[...] o mito é reorganizado de tal maneira que ele próprio se constitui como contexto” (2003, p. 247). O mito estará sempre se adaptando à realidade e ao contexto.

A dimensão pedagógica do mito nos territórios ultrapassa a subjetividade dos sujeitos, sendo evidenciada na maneira com que eles cuidam e se relacionam com os diversos ambientes em que vivem, pois, segundo Yazigi (2001), mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar.

Conforme o mito, a relação do ser humano com a natureza está estritamente ligada, visto que não faz sentido para os povos indígenas segregar esses dois universos, um depende do outro para manutenção e sobrevivência. E caso haja desequilíbrio, é preciso outra força que busque equilibrar, como, por exemplo, o ato de descuidar da floresta e dos animais, conforme o mito, traz consequências à aldeia e aos indivíduos que nela residem, principalmente as crianças que ainda não conseguem ter total controle do espírito que habita seu corpo, sendo que para que isso não ocorra é necessário que os pais e os demais componentes da aldeia sigam as regras e orientações do pajé, provindas dos mitos. Jung (*apud* Campbell, 1972, p. 19) afirma que os “mitos são uma forma para não perder as forças internas”, mantendo vivos em cada ser os costumes, as tradições e as maneiras de viver.

Carvalho e Sato (2005, p. 7) contribuem afirmando que:

> A educação ambiental ao remeter-nos à questão da sustentabilidade da VIDA pode estar se referindo a ela em toda a sua diversidade e dimensões – biológica, química, física, cultural, espiritual, organizacional, dentre outras, ou a aspectos específicos delas. Pode instigar pensamentos sobre os humanos ou sobre todas as formas de vida e de suporte a ela, ou ainda pode referir-se a sua preservação, conservação ou recuperação ou ao seu aprimoramento e melhoria.

A definição de sustentabilidade ambiental dos autores deste estudo se aproxima da afirmação de Carvalho e Sato (2005), visto que acreditamos que a sustentabilidade ambiental são todos os processos que permitem a existência e a manutenção de uma cultura, com os ambientes (social e cultural) propícios aos processos educativos e pedagógicos que perpassam os conhecimentos, as tradições, os rituais e as formações de um povo. A sustentabilidade ambiental é oferecer, propiciar e criar maneiras de uma cultura continuar existindo, tendo as condições necessárias para sua sustentação cultural, social e ambiental. Conforme Carvalho e Sato (2005), é dar sustentabilidade à vida.

A sustentabilidade dessas crenças e mitologias indígenas do povo Gavião Ikolen colabora para a preservação do ambiente e do território, pois são elas que orientam a maneira dos indivíduos da etnia se relacionar e cuidar dos seres que estão ao seu redor. Diante desse fato, as populações indígenas podem ser caracterizadas como sociedades sustentáveis, pois por meio da sua maneira particular de se relacionar com o território buscam cuidar dos ambientes naturais assim como se cuida das pessoas e das relações. Essas orientações e construções subjetivas provêm das metáforas presentes nos mitos que são aplicadas no cotidiano do povo indígena Gavião Ikolen. Conforme Thomas Merton (apud Campbell, 2002, p. 213), "[...] um símbolo contém uma estrutura que desperta nossa consciência para uma nova percepção do sentido interior da vida e da própria realidade".

A dimensão pedagógica dos mitos Gavião Ikolen na preservação do território e na construção das sociedades sustentáveis está ligada à complexidade dos processos de ensinar e aprender da educação ambiental etnográfica que permeia uma tradição. Os processos pedagógicos abrangem toda uma cultura, não se restringem a disciplinas específicas ou áreas do conhecimento. A complexidade da EA não possibilita esse segregamento. Para Gomes (2008, p. 63), todas as áreas do conhecimento devem reivindicar a EA, compreendendo a complexidade que atua nesse campo onde "[...] a ruptura das fronteiras do conhecimento é evocada na busca da construção da EA. Embora com certas dificuldades em conciliar bases epistemológicas diferenciadas, a construção da EA tem revelado que uma nova ética é imperativa para que a vida continue a existir nesta biosfera".

4 Considerações finais

Compreender a cultura do outro, com todos seus elementos, símbolos e metáforas, é lançar-se para além das primeiras impressões daquilo que se acha ou vê. É deixar os próprios dogmas e atribuições, buscando dar voz ao "outro" com seus símbolos mitológicos. É transmutar o olhar entre o visível e o invisível!

Este estudo nos permitiu ir além da visão e reflexão cartesiana. Isto porque foi possível refletir e compreender que o mito tem uma dimensão pedagógica que permeia os processos educativos de uma cultura e sociedade. Os símbolos presentes nos mitos envolvem não só os aspectos físicos e subjetivos, mas outras formas de ver o mundo que passam pela dimensão pedagógica dos mitos. Chegamos à compreensão neste estudo de que os mitos indígenas do povo Gavião Ikolen contribuem sobremaneira nos processos de sustentabilidade ambiental, social e cultural.

Embora algumas inquietações deste estudo tenham sido respondidas com base nos pressupostos escolhidos, temos a clareza do que representa o olhar destes pesquisadores que pode ser mudado com base em novas descobertas. Nesse sentido, não consideramos que os estudos foram concluídos, pois nos permitiram apenas chegar a alguma considerações finais do objetivo proposto, ficando aberto o caminho para que outras pesquisas e novos olhares possam ser realizados em busca da dimensão pedagógica e educativa dos mitos.

Por fim, permanece alegria de ter descoberto os caminhos do mito para os processos de ensino-aprendizagem da educação indígena. Fica a lição de Paulo

Freire (2000) de que "alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca". E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria de que outros mundos ainda são possíveis.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. *Fora da beleza não há salvação*. 2000. In: http://www.terra.com.br/istoe-temp/1629/internacional/1629_esp_fora_beleza_salvacao.htm (acessado em 30 de junho de 2014).

_____. *A complicada arte de ver*. 2004. In: http://www1.folha.uol.com.br/folha/ sinapse/ult1063u947.shtml (acessado em 6 de maio de 2014).

BOND, Rosana**.** *Agricultura do povo – Milho dos guaranis resiste às transnacionais.* 2009**.** In: http://www.anovademocracia.com.br/no-57/2398-agricultura-do-povo-milho-dos-guaranis-resiste-as-transnacionais (acessado em 04 de julho de 2014).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 2007. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense.

CAMPBELL, Joseph. 2002. *Isto És Tu:* redimensionando a metáfora religiosa*.* Trad. Edson Bini. São Paulo, Ed. Landy.

_____. 1972. *Para viver os mitos***.** Trad. Anita Moraes. São Paulo, Ed. Cultrix.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. 1990. *O poder do mito.* (org.) Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena.

CAPRA, Fritjof. (2002). *As Conexões Ocultas:* ciência para uma vida sustentável. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Cultrix.

FREIRE, Paulo. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: UNESP.

_____. (2001). *Política e educação: ensaios.* 5. ed. São Paulo: Cortez.

_____. (1977). *Educação como prática da liberdade.* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GEERTZ, Clifford. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

GOMES, João Carlos. (2008). *Construindo caminhos educativos para interpretação do ambiente pantaneiro*. Tese de Doutorado em Ciências. São Carlos: UFSCar.

GRASSI, Marco Tadeu. 2001. *As águas do planeta Terra.* In: http://www.ceset.unicamp.br/~mariaacm/ST114/aguas.pdf (acessado em 2 de julho de 2014).

HALL, Stuart. 2006. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A Editora.

JUNQUEIRA, Carmem. 2008. *Antropologia indígena: uma nova introdução.* 2. ed. São Paulo: EDUC.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1985. *A Oliveira Ciumenta*. São Paulo: Brasiliense.

_____. 2002. *O pensamento selvagem.* Campinas, SP: Papirus.

_____. 2003. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

_____.2004. *Mitológicas I: O Cru e o Cozido.* São Paulo: Cosac & Naify.

MEIHY, J.C.S.B. 2002. *Manual de História Oral.* 2. ed. São Paulo: Loyola.

MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, Fabiana. 2007. *História oral:* como fazer e como pensar. São Paulo: Contexto.

MINDLIN, B; DIGUT, T; SEBIROP, C. et al. 2001. *Couro dos espíritos: namoro, pajés e cura entre os índios Gavião Ikolen de Rondônia.* São Paulo: SENAC.

MORIN, Edgar. 1988. *O paradigma perdido: a natureza humana.* 4. ed. Portugal: Publicações Europa-América.

_____. 2011. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad. Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina.

NASCIMENTO, A.; BRAND, A. 2006. *A escola*

indígena e Sustentabilidade: Perspectivas e Desafios. Florianópolis: CED/UFSC.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240 (acessado em 01 de novembro de 2014).

SANTOS, J. E.; SATO, Michèle. 2001. "Universidade: Encontros e Despedidas". In*: A contribuição da Educação Ambiental, a Esperança de Pandora.* São Carlos, SP: Rima.

SATO, Michèle. 2002. *Educação Ambiental.* São Paulo: RiMa.

_____. 1997. *Educação para o Ambiente Amazônico.* Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos.

SAUVÉ, L. Environmental education and sustainable development: a further appraisal. In: http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ540073.pdf (acessado em 2 de julho de 2014).

SPANGENBERG, Joachim H. 2003. *Critérios integrados para a elaboração do conceito de sustentabilidade.* 2. ed. Projeto Brasil Sustentável e Democrático. Rio de Janeiro: Ed. Fase.

YAZIGI, Eduardo. 2001. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas.* São Paulo, Ed. Contexto.